



Martha Pereira de Almeida Pinedo

PSICANÁLISE

A função do ritmo na relação pais-bebês

Uma visão psicanalítica

Blucher

A FUNÇÃO
DO RITMO
NA RELAÇÃO
PAIS-BEBÊS

Uma visão psicanalítica

Martha Pereira de Almeida Pinedo

A função do ritmo na relação pais-bebês: uma visão psicanalítica

© 2023 Martha Pereira de Almeida Pinedo

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Villa d'Artes

Revisão de texto Marco Antonio Cruz

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa José Carlos Lollo

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, julho

de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blucher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na

Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pinedo, Martha Pereira de Almeida

*A função do ritmo na relação pais-bebês : uma
visão psicanalítica / Martha Pereira de Almeida*

Pinedo. – São Paulo : Blucher, 2023.

182 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-722-4

1. Psicanálise 2. Parentalidade 3. Pais e filhos
I. Título

23-2756

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	21
Parte I – Observando bebês	31
1. Apresentação das famílias observadas	33
2. Observando o ritmo na relação pais-bebê	45
Parte II – Dialogando com a teoria	89
3. Tornar-se pai, tornar-se mãe	91
4. O ritmo e o processo de subjetivação	103
5. Os prelúdios de uma comunicação mãe-bebê	125
6. O método Bick de observação de bebês	145
7. Considerações finais	161
Referências	169

1. Apresentação das famílias observadas

A possibilidade de observar um bebê em sua relação com o ambiente familiar é um privilégio para aqueles que se interessam pelo desenvolvimento emocional e pela constituição do psiquismo.

Helena, João e o pequeno Pedro. Novos temperos na família

A oportunidade de observar essa dupla surgiu do grupo de supervisão do qual eu participava. A coordenadora, por intermédio de uma colega psicanalista, encaminhou-me a dupla por entender que a observação poderia ter algum efeito terapêutico.

A primeira entrevista com os pais ocorreu em um domingo pela manhã, quando o bebê estava com 12 semanas. Assim que cheguei ao *hall* do elevador, antes mesmo de tocar a campainha, ouvi um choro forte vindo de dentro do apartamento. Esperei por alguns instantes até que o choro diminuísse e então me fiz anunciar.

A mãe, uma mulher de uns 30 anos, estava com o bebê no colo. Recebeu-me cordialmente e voltou a sentar-se com o filho, ainda chorando, no sofá. Levantou a blusa e ofereceu-lhe o seio, mas ele o recusou e continuou a chorar. Ela então se levantou, colocou o bebê na posição vertical em seu colo e passou a caminhar lentamente pela sala. Aos poucos, ele foi se acalmando e assim pudemos conversar.

Eu havia entrado em contato com ela alguns dias antes para combinar a entrevista. Embora tivesse aceitado a ideia, não parecia convencida. Em nosso encontro, quis saber mais sobre como seriam as observações, sua periodicidade e duração. Expliquei sobre o meu papel não intervencionista e deixei clara a possibilidade de uma interrupção, caso achassem oportuno. Meu objetivo maior nesse primeiro contato era o de criar uma relação de confiança com os pais, e assim preparar um terreno fértil para o trabalho que viria a seguir. Creio ter conseguido e, a partir da semana seguinte, comecei as observações semanais.

Em minha primeira visita como observadora levei uma pequena lembrança para o recém-nascido como sinal de agradecimento por me receberem. Esse gesto parece ter quebrado um possível estranhamento inicial acerca da minha presença.

Ao longo das primeiras observações, tive a oportunidade de conhecer alguns personagens da família: um meio-irmão adolescente, filho de uma relação anterior do pai, e a avó materna. Tanto um quanto outro, presentes respectivamente na primeira e terceira observações, interagiram pouco com o bebê. Quando em minha presença, o enteado ouviu músicas no celular e a avó materna ocupou-se da cozinha. O pai, por sua vez, não estava presente nas primeiras observações.

A pouca participação do enteado, a ausência do marido e a visita pontual da avó nesses primeiros meses me fizeram refletir sobre uma possível necessidade de apoio e sobre como minha presença

poderia estar sendo benéfica para a mãe. Ao longo das observações, fui confirmando minha hipótese. Notei que em muitas ocasiões a mãe dirigia seu olhar a mim, como se estivesse buscando um continente para suas angústias. Nesse período, a busca pelo meu olhar ocorria nas situações em que ela tentava – algumas vezes sem êxito – colocar o filho para dormir. Além disso, pude notar que nos momentos em que me despedia, a mãe várias vezes expressava sua surpresa: *Mas já? Passou tão rápido*. Ao ouvir essa frase repetidamente, chego a pensar que minha presença carregava outros sentidos para além da observação.

Com efeito, ao longo de nossos encontros, acho que pude ser fonte de escuta para suas histórias, medos, expectativas e fantasias acerca do processo de “tornar-se mãe”.

Soube que os primeiros meses com o bebê em casa foram difíceis por conta da amamentação. Contou-me que produzia muito leite, mas um dos seios tinha o bico invertido e o outro doía muito. Teve que fazer malabarismos para alimentar o filho, como oferecer-lhe o leite em um copinho. Depois de um mês seguindo desta forma, fizeram um trabalho de readaptação, conhecido como relactação. Segundo me relatou, o processo ocorria da seguinte forma: colocava a ponta de uma sonda em um recipiente e a outra perto do mamilo. Dessa maneira, ao aproximar a boca de seu seio, o bebê abocanhava o mamilo e a sonda simultaneamente e, ao sugar, tinha a sensação de estar mamando diretamente no seio. Contou-me ainda que o filho tinha muitos refluxos e algumas vezes precisou mamar na posição vertical, o que tornava os momentos de amamentação ainda mais tensos.

Em outro encontro, mostrou-me orgulhosa um álbum de fotos de quando estava grávida e contou-me da angústia vivida ao longo das vinte horas que passou em trabalho de parto. Nesse mesmo encontro, mostrou-me fotos de sua placenta, posicionada sobre a mesa da sala cirúrgica, e, ao dirigir-se ao filho, pontuou: *Olha filho,*

*essa aqui era a sua casinha. E, encaminhando-se novamente a mim, completou: O médico até me perguntou se eu queria levá-la pra casa, mas achei que não tinha sentido. Quis apenas tirar essa foto para guardar. Placenta é incrível. Parece uma árvore... a árvore da vida.*¹

As observações caminhavam regularmente, mas, sem que soubéssemos, estávamos a poucas semanas do início da pandemia. Consegui fazer as três primeiras observações presencialmente, contudo, ao final da terceira, tivemos que interromper os encontros presenciais.

Depois de um mês sem contato com a família, propus iniciarmos um modelo online de observação. A mãe aceitou meu convite e, após algumas tentativas, conseguiu organizar-se para minha visita virtual. Tivemos então mais três encontros, porém, dessa vez, mediados por uma tela. O bebê estava com 5 meses.

Creio ser importante sublinhar que se tratou de uma experiência inédita para todos e que, aos poucos, fomos nos adequando ao novo formato. A princípio eu estava resistente, achando que a experiência de observação poderia de alguma forma ser manipulada pelo controle que a mãe teria sobre a tela. Cheguei a considerar que, pela limitação do enquadre visual, perderia recortes da vida cotidiana que apenas presencialmente poderia testemunhar. Mas a experiência de observação online me surpreendeu. Se, por um lado, o formato virtual nos privou de alguns detalhes que não escapariam a meus olhos presenciais, por outro, novos elementos apareceram em cena e novas possibilidades de interação se apresentaram, propiciando uma experiência diferente de observação. Lembro-me de uma situação em que, observando o bebê dormindo, através de meu computador, fui podendo relaxar em minha poltrona e deixei-me permear por sensações corporais e imagens oníricas que dificilmente teriam advindo presencialmente. Lembro-me ainda de outra observação

1 Observação feita quando o bebê tinha 8 meses e 2 semanas.

em que a mãe, com o bebê em seu colo, aproximou o celular para perto da dupla, de forma que nós três ficamos a uma distância muito próxima, o que seria incomum presencialmente. Apesar de ser mediada por uma tela, essa aproximação tornou a observação mais íntima e divertida. Entre perdas e ganhos, creio que a vivência virtual abriu novos campos de pensamentos e reflexões.

Ao final do terceiro encontro virtual, contudo, sofremos mais um corte. A licença-maternidade da mãe chegara ao fim, e ela voltara a trabalhar no formato *home office*. Além disso, o filho havia sido diagnosticado com plagiocefalia,² e a família estava às voltas com médicos, exames e a produção de uma órtese para a cabeça do bebê. As observações virtuais das semanas que se seguiram foram então canceladas. A mãe me escreveu: *Não faço ideia como tudo vai funcionar, pois continuarei de casa cuidando do bebê, trabalhando e fazendo todas as outras tarefas da casa. Vamos ver como as coisas vão acontecer e aí vamos fazendo as observações conforme possível.* Ficamos sete semanas sem nos ver, mas nem por isso deixei de procurá-la. Mandava mensagens para saber como estavam se adaptando à nova vida, perguntava sobre o desenvolvimento do filho e sondava a possibilidade de vê-los virtualmente outra vez.

Para minha surpresa, depois desse período, a mãe me escreveu, convidando-me para voltar às observações presenciais: *Acredito que, assim como a gente, você tem se cuidado durante esse tempo, e com isso, achamos que tomando as devidas providências e cuidados, não haverá problemas.* Estávamos no mês de julho, e a pandemia ainda

2 A plagiocefalia caracteriza-se por uma assimetria do crânio. Ela pode ser do tipo posicional, em decorrência de um torcicolo congênito, ou pode estar associada à craniossinostose – uma fusão precoce dos ossos do crânio. Nos dois casos, um capacete customizado para as medidas do crânio do bebê pode ser recomendado. Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/impressao/detalhe/nid/plagiocefalia-e-uso-de-capacete-em-bebes/>.

não havia dado sinais de melhora. Ainda assim, aceitei o convite, e dois dias depois nos encontramos novamente.

Ao reencontrá-los, fiquei encantada com a mudança de Pedro: ele havia crescido e usava uma órtese na cabeça, com a qual parecia muito à vontade. A mãe, por sua vez, voltara a trabalhar e passou a dividir seu tempo entre as tarefas profissionais, os afazeres domésticos e os cuidados com o filho. Inevitavelmente, por várias vezes, pude testemunhar seu cansaço e ofereci minha escuta para, de alguma forma, aliviar sua angústia.

Nos primeiros encontros desse período, quando o bebê contava 7 meses, notei que a mãe estava mais dividida entre seu trabalho e os cuidados com o filho. O pai, também trabalhando virtualmente, se revezava algumas vezes com a esposa nas interações com o bebê. Mas o cansaço da mãe era evidente e, em uma das observações, ela chegou a comentar que gostaria de parar de trabalhar para dedicar-se a um projeto pessoal na área da culinária.

Com efeito, ao longo das observações que se seguiram, pude notar uma maior dedicação ao filho e aos afazeres domésticos, em contraponto a *calls* e reuniões virtuais, o que me levou a pensar que, de fato, ela havia optado pelo projeto pessoal.

Nessa ocasião, mãe e filho passavam longos períodos na cozinha. Por vezes ela o carregava em seu colo, e juntos preparavam um lanche. Em outros momentos, ela cozinhava uma nova receita – dizia serem receitas de sua avó –, e o bebê, sentado no chão próximo a ela, entretinha-se com utensílios domésticos como potes e espátulas. Eram tardes recheadas de novos cheiros e sabores.

Aos 11 meses, já quase ensaiando os primeiros passos, o bebê engatinhava livremente pelo apartamento e era visível sua intenção de estar próximo para participar das atividades dos pais. Por vezes, pude presenciar o casal trabalhando no computador ou mesmo conversando entre si e sendo interrompido por gritos do filho.

Em outros momentos, pude vê-lo engatinhando em direção à mãe, conforme ela se movimentava pelo apartamento.

A maior capacidade social do bebê também permitiu que ele me convocasse mais para as brincadeiras. Percebi que pouco a pouco ele se aproximava de mim, oferecendo-me um ou outro brinquedo. Gradualmente, fui me sentindo mais à vontade para sentar-me ao seu lado e interagir com ele, caso me convocasse.

As observações continuaram até o bebê completar 1 ano e 4 meses, quando a família se mudou para o interior do estado. Em minha última visita, os pais me pediram para registrar nossa despedida com fotos minhas e de Pedro. Contaram-me que, desde o nascimento do filho, haviam criado um perfil privado em uma rede social em que postavam fotos do filho, simulando um álbum. Contaram-me ainda que, a partir do início da gravidez, a mãe passou a mandar e-mails para o filho – como se fossem cartas –, registrando tudo o que se passava com ele.

Hoje, quando penso nos relatos dos pais sobre as dificuldades de amamentação nos primeiros meses, quando me lembro da órtese e dos tempos de confinamento em função da pandemia, me pergunto por quantas adaptações e reorganizações psíquicas esse casal teve que passar. Penso que foi um privilégio poder acompanhá-los ao longo desse período e testemunhar o processo de “tornar-se mãe” e “tornar-se pai”.

Patrícia, Luiz e a pequena Laura.

Um quadro em movimento

Essa dupla me foi indicada por um casal de amigos. Estávamos no início do segundo ano da pandemia, e temi que isso pudesse ser um impeditivo para a família.

Entrei em contato com a mãe por telefone para poder me apresentar. Ela foi receptiva, mas mostrou-se receosa: *Como vai ser? O que você vai observar?* Disse-lhe que estava cursando um mestrado e pesquisando a importância do ritmo na relação mãe-bebê. Expliquei-lhe que as observações me serviriam como aprendizado e reforcei que permaneceria quieta, apenas observando, e que iria interagir apenas se fosse solicitada. Ela continuou achando a situação estranha, mas concordou: *Não sei bem como vai ser. Mas tudo bem. Pode vir.* Ainda nesse primeiro contato, procurei salientar minha preocupação com os cuidados em relação à pandemia – máscara, gel e meias –, mas ela me disse que não tinha problemas em relação a isso. Marcamos a observação para a semana seguinte.

O primeiro encontro ocorreu quando a bebê estava com 6 meses e, de fato, foi marcado por algum estranhamento. A mãe voltou a me perguntar como seriam as observações e ficou em dúvida sobre seu próprio papel: *Será que vou acabar fazendo coisas que eu não faria se você não estivesse aqui?*, ela me questionou. Respondi que talvez isso pudesse acontecer, mas que, com o decorrer do tempo, ela provavelmente se acostumaria com minha presença. Reforcei ainda a possibilidade de ela interromper as observações se assim o quisesse, o que parece tê-la reconfortado.

Ao longo de nossa primeira conversa presencial, pude notar a bebê sentada no colo da mãe, olhando para mim por um longo tempo, sem fazer qualquer barulho nem grandes movimentos. Observei ainda um gato passeando lentamente pela casa. Em alguns momentos, ele se aproximou de mim e, ao notá-lo, a mãe me perguntou se eu não me incomodaria com sua presença. Respondi que não.

Ao rever os registros das primeiras observações, penso na imagem de um quadro composto pela mãe e sua bebê sentadas na sala, com um gato caminhando lentamente entre elas. Creio que essa imagem advém da sensação de poucos movimentos das figuras que

compõem esse cenário e dos longos silêncios entre a dupla que pude testemunhar nesse período. Por outro lado, apesar da quietude, notei que a bebê fixava seu olhar em mim demoradamente. Esse fato ficou ainda mais evidente a partir de comentários da mãe, como: *Nossa, filha! Como você olha pra tia Martha. Ou: Você vai observar ela também, filha?*

Dessa forma, mergulhadas em um certo desconforto da mãe, permanecíamos assim: a bebê olhando para mim e eu olhando para a bebê. *Quem será essa moça? Quem será esse bebê?* A troca de olhares estava presente o tempo todo, e creio que esse era o maior movimento que se estabeleceu nesse período. O que não foi pouco.

As observações se estenderam por um período de seis meses, iniciando-se aos 6 meses de idade da bebê até que ela completasse 1 ano. Mantivemos um horário fixo todas as semanas, sem interrupções ou contratempos, o que ajudou a diminuir o desconforto da mãe. Aos poucos, a bebê passou a somar um sorriso ao seu olhar e, conforme adquiria mais mobilidade, começou a se aproximar de mim e a convocar-me a interagir com ela.

A rotina das observações seguiu um padrão único, com poucas variações. Quando chegava, a mãe me recebia com a bebê no colo. Já nas primeiras semanas a pequena Laura abriu um sorriso ao me ver, e isso despertou um grande encantamento em mim. Enquanto tirava meus sapatos e higienizava as mãos, mãe e filha se sentavam no chão da sala onde vários brinquedos ficavam espalhados. Permaneciam ali por dez ou quinze minutos, até que a mãe se dirigia para a cozinha e começava a preparar o almoço da filha. No primeiro mês de observação, a bebê a acompanhava no colo, mas, quando completou 7 meses, a mãe já a deixava sozinha na sala. Importante reforçar que a cozinha era aberta para a sala e, em função disso, mãe e filha cruzavam olhares e trocavam falas e balbucios nesses momentos.

Seguia-se então o almoço: a mãe colocava a filha na cadeirinha que ficava sobre a mesa da sala de jantar, sentava-se à sua frente e

aos poucos lhe oferecia comida. Já nas primeiras observações, ela me explicou que o casal havia adotado uma forma diferente de alimentar a filha. Chamava-se método BLW, do inglês *baby-led weaning*, ou, em português, “desmame guiado pelo bebê”. Trata-se de um tipo de introdução alimentar em que o bebê pega com as mãos os alimentos cortados em tiras ou pedaços para então comê-los sozinho. Segundo a mãe, além de ajudar na coordenação motora, esse método oferece ainda a possibilidade de o bebê ir em busca do alimento. Pareceu-me bastante lógico. Contudo, percebi certa ambivalência na mãe ao longo das primeiras refeições observadas. Por um lado, ela colocava alimentos cortados sobre a mesinha, mas, por outro, ao perceber que a filha comia muito pouco, oferecia-lhe pequenas colheres de alimento. *O duro é aguentar a ansiedade das avós. Minha mãe me diz: “filha, bate logo uma sopinha de legumes e dá pra ela”. Minha mãe morre de medo de que ela engasgue*, disse-me ela, referindo-se à mãe. Ou estaria se referindo à sua própria ansiedade?

Com efeito, pude notar seus sentimentos ambivalentes quanto à alimentação em outras situações. Houve uma vez em que ofereceu uma colher de sopa para a filha – *Você quer?* –, mas não chegou a aproximá-la da boca da bebê. Percebi que estava esperando que a filha fizesse um movimento em direção à comida, mas a bebê virou o rosto e começou a reclamar. A mãe chamou sua atenção e, quando ela virou o rosto novamente, a colher de sopa encostou levemente em sua boca. Após esse contato com a sopa, passou sua língua ao redor da boca, e a partir daí não mais virou o rosto. A refeição então seguiu de forma mais tranquila: a mãe aproximava a colher de sopa da boca da filha – agora a uma distância menor –, e a filha aproximava o corpinho para abocanhá-la. Penso que mãe e filha chegavam aos poucos a um lugar comum.

Ao término da refeição, seguia-se a higiene no banheiro. A mãe posicionava a filha sentada na pia, lavava seus pés e mãos e, por fim, escovava seus dentes. Era um momento lúdico, quando eu podia

observar a bebê brincando com os pés na água ou mesmo se olhando no espelho e fazendo caretas.

Ao longo das observações, aquela imagem inicial de um quadro com poucos movimentos foi ganhando vida e novos contornos. A bebê começou a engatinhar e a explorar os ambientes da casa. Entre subidas e descidas da mesa, o gato circulava livremente. O pai, em *home office*, aparecia para brincar com a filha ou mesmo para substituir a mãe na hora do almoço. Lembro-me de uma observação em que a mãe não estava e ele teve que participar de uma longa reunião virtual com a filha no colo. Ele andava de um lado para outro e, aos poucos, a bebê adormeceu em seus braços. Havia também uma faxineira que, com uma vassoura, um aspirador e um balde, passeava pela casa sorrindo para a bebê quando a encontrava.

Ao final do sexto mês de observação, a bebê já havia completado 1 ano de idade. Os números de casos da pandemia já estavam mais baixos e a mãe me contou que havia matriculado a filha em uma escolinha. Inicialmente, seria por meio período, mas sua intenção era a de que, em algum momento, ela ficasse em período integral. *Assim eu consigo voltar a trabalhar e fazer as minhas coisas*, ela me diz. Dessa forma, tivemos que interromper as observações.



Originalmente uma tese de mestrado, defendida na PUC-SP, este livro apresenta um texto bem escrito e elaborado, autoral e original, é um prazer lê-lo.

Na primeira vez que li, vivi uma experiência de encantamento diante de sua beleza estética. O bebê, nosso maestro e professor, surge com toda sua força e nos ensina a reger a orquestra e o ritmo do desenvolvimento emocional e simbólico na relação com o cuidador e o ambiente.

Martha reproduz na estrutura do trabalho o método de observação de bebê proposto por Bick: em um primeiro momento as observações e depois as conjecturas e as teorizações.

Apresenta relatos detalhados das observações de Pedro e Laura e, em seguida, o ritmo se entrelaça com a narrativa em três eixos: corporal, vocal e lúdico.

A partir do olhar e do encontro com a função do ritmo na relação pais-bebês, podemos enriquecer nossa escuta e tomá-la como uma valiosa contribuição para justificar a importância do corpo na clínica psicanalítica.

Convido o leitor a desfrutar dessa narrativa viva sobre o bebê, seu corpo e seu ritmo!

Maria Cecília Pereira da Silva

Psicanalista, membro efetivo e analista didata da SBPSP

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-722-4



9 786555 106722 4



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

A função do ritmo na relação pais-bebês

Uma visão psicanalítica

Martha Pereira de Almeida Pinedo

ISBN: 9786555067224

Páginas: 182

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
